

Moore tinha razão!

Ponderações sobre a “distância”
e a interação na educação a distância

Comentário sobre o editorial escrito por Michael G. Moore,
traduzido e publicado nesta edição da Teccogs

marilene garcia

TIDD - PUC-SP
Pós-Doutoranda no TIDD/PUC-SP

marilenegarc@uol.com.br

Michael Moore, em escrito de 1989, em que discute sobre três tipos de interação, já chamava a atenção sobre uma problemática com a qual convivemos até hoje nas práticas de educação a distância: a convivência, nem sempre amigável, com a distância e as formas de interação.

Se analisarmos o aspecto da “distância” presente em ações focadas em sujeitos e aprendizes inseridos em ambientes de educação a distância, verificamos que sua importância emerge na mesma proporção em que são buscadas alternativas para enfrentá-la. Neste contexto, as tecnologias mediadoras de processos educacionais, cada vez mais interativas, foram e são desenvolvidas, aperfeiçoadas e aplicadas para poder vencer a distância ou, ao menos, minimizá-la. A distância ainda incomoda, lançando seus reflexos, muitas vezes, na qualidade da aprendizagem, nas desistências dos cursos, na tensão entre a entrega de conceitos e a reflexão entre eles.

A “distância” é componente importante a ser encarado no âmbito das relações educacionais, até mesmo quando se refere à educação presencial, à híbrida (*blended-learning*) e à ausência do componente presencial, em que se buscam soluções que devolvam ou criem a sensação do lado humano, seja ele afetivo e/ou intelectual. Porém, em tempos

de conectividade ampla e de uso corrente de dispositivos móveis, nos contextos da vida e da aprendizagem, dentro e fora da escola, o conceito de “distância”, de alguma forma, sofre grande pressão para ser revisto. Não se pode tratar a concepção de “distância” em educação a distância como se pensava pelo menos duas décadas atrás.

A “distância” não é um conceito fechado em si e pode ser de várias naturezas, interferindo em diferentes aspectos nas modalidades educacionais. Sobre isso Moore não discutiu, mas já sentia os seus indícios quando discutiu os tipos de interação. A “distância”, contudo, não precisa ser necessariamente física, nem somente entre aprendizes e objetos de aprendizagem. Pode haver também representações, sentimentos, motivações, processos de cunho intelectual/social que propiciam ressignificações da distância, interferindo nos modos de ensino para quem instrui, educa e orienta e nos modos de aprender.

A interação, por sua vez, pode ser entendida como um desdobramento da problemática que nasce na condição da distância. Resgatando Moore (1989), entende-se que ela pode ocorrer entre aprendizes e ambientes/ objetos de aprendizagem; entre aprendizes e tutores; entre conteúdos pré-formatados e aprendizes; entre aprendizes e seus pares.

O autor afirma que existe uma confusão e uma multiplicidade de interpretações sobre tais manifestações interativas.

Assim, entende-se que a busca de alternativas para eliminar a distância é problemática não só da educação a distância. Do mesmo modo, tal processo não se restringe a um *locus*, a um *corpus* de análise ou a uma modalidade

educacional específica. Ele está distribuído, adquire graus variados de importância e de responsabilidade e torna-se um aliado das tecnologias mediadoras das interações para aprendizagem. Sim, Moore já tinha razão, pois esta questão de distância é recorrente e persistente em termos de efetivar interações para a aprendizagem.